



Benassi, Claudio Alves; Souza, Sebastiana Almeida; Gonçalves, Rosemary Pinto de Arruda; Padilha, Simone de Jesus. *Diacronia e sincronia: questões estruturais e de sentido na Libras*. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossiê "Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016. [http://periodicoscientificos.ufmt.br/gjs/index.php/revdia]

Diacronia e sincronia

Questões estruturais e de sentido na Libras

Claudio Alves Benassi¹
Sebastiana Almeida Souza²
Rosemary Pinto de Arruda Gonçalves³
Simone de Jesus Padilha⁴

Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido: estudos linguísticos e literários v. 4, n. 2, 2016

¹ Artista pesquisador. Doutorando em Estudos de Linguagens (Ppgel/Ufmt). Professor da Coordenação de Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. Editor gerente da Revista Diálogos. caobenassi@alangemiunda.com.br

² Mestre em Estudos de Linguagens (Ppgel/Ufmt). Professora da Coordenação de Letras-Libras-Licenciatura. Universidade Federal de Mato Grosso. Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. tianaalmeida@gmail.com

³ Mestre em Estudos de Linguagens (Ppgel/Ufmt). Universidade Federal de Mato Grosso. Docente da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso. Grupo de pesquisa Rebak. rosecarosa@hotmail.com

⁴ Orientadora (Ppgel/Ufmt). Doutora em Linguística aplicada aos estudos da linguagem (Puc-Brasil [2005]). Departamento de Letras. Docente do curso de Letras e Letras-Libras. Universidade Federal de Mato Grosso. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Rebak. Cuiabá. simonejp1@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte e resultado do seminário “Como o estruturalismo concebe a questão do sentido” realizado por seus autores na Disciplina “Teorias e concepções de linguagens”, ministrada pela professora Simone de Jesus Padilha, que propôs aos acadêmicos uma “saída do lugar de conforto”, ou seja, discutir a questão do sentido numa teoria estranha a sua filiação.

A proposta foi desafiadora para o nosso grupo, pois como leitores de Bakhtin e o círculo que se opõem a teoria estruturalista (que concebe a língua como uma estrutura em permanente elaboração [CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 77]). Tínhamos pouco mais que um mês para imergir numa teoria que não conhecíamos, ou que conhecíamos parcialmente.

As primeiras incursões pela teoria para alguns de nós (o músico) foi improdutivo, no entanto, após as primeiras desventuras, as sementes do estruturalismo, começaram a germinar, principalmente, após o encontro com uma citação de três linhas apenas em um texto, a respeito de uma certa estrutura musical, da qual lançamos mão nesse artigo, que enfatiza “um exemplo clássico é o da transposição de uma melodia de tom para outro: todas as notas particulares podem ser alteradas, mas a melodia (a estrutura) permanece a mesma” (THIRY-CHERQUE, 2006, p. 146).

Assim sendo, esse recorte do seminário que gera esse artigo escrito a oito mãos, pretende discutir um dos dicotômicos saussuriano, diacronia e sincronia e também, conceber análises e aplicações dessa tal dicotomia na Língua brasileira de sinais (Libras). Pretendemos também, realizar uma pequena amostragem na Libras dos conceitos de eixo sintagmático e eixo associativo.

Lembramos que apesar dos avanços na área da Libras, provocados pelas pesquisas acadêmicas nas duas últimas décadas, alguns assuntos continuam intocados, tais como, assuntos pertinentes à gramática e à classificação ou agrupamento lexical. Um dos livros didáticos que mais se



aproxima disso é o “Língua brasileira de sinais” de autoria da professora Ana Regina e Souza Campello, que aborda as qualidades da Libras, tais como: flexibilidade, arbitrariedade e dupla articulação da língua.

Por outro lado, no que tange a gramaticalização da Libras, o conservadorismo impede que tal passo seja dado, pois acredita-se, no meio, que atribuir categorias linguísticas gerais à Libras é submetê-la às Línguas Orais (LO). Discordamos de tal concepção e acreditamos que tais categorias são comuns a todas as línguas e se concebemos a Libras como língua, a mesma deve apresentá-las sem que isso a torne “cópia” de LO.

Os sinais apresentados nos exemplos linguísticos analisados ao longo do nosso trabalho, não se deram através de fotos, recurso já consagrado na apresentação de dados linguísticos das Línguas de Sinais (LS) (BARROS, 2015, p. 08. *In.*: BENASSI; DUARTE, 2015), mas por meio da Escrita de Língua de Sinais (ELS) VisoGrafia⁵.

2. DIACRONIA E SINCRONIA

Os estudos linguísticos, bem como, as análises das línguas conhecidas, eram até Saussure realizados de forma comparativa, na tentativa de buscar estabelecer um paralelo evolutivo da língua, num contínuo espaço-tempo. Portanto, a diacronia nos estudos das línguas, compreende estudos linguísticos de caráter evolutivo ao longo do percurso histórico de uma determinada língua (THIRY-CHERQUE, 2006).

Nesse sentido, os linguistas buscavam, por meio da análise e da comparação, entender a relação de fatos ou fenômenos linguísticos anteriores com os posteriores, ou seja, comparar fatos que provocaram mudanças no percurso de uma determinada língua. A análise diacrônica se

⁵ Nome provisório. ELS que está sendo desenvolvido e testado pelo professor Benassi em seu doutoramento. Tem como objetivo principal reler os sistemas de ELS *Sign Writing* (SW) considerado denso e pesado e a Escrita das Línguas de Sinais (ELiS), leve e prática, mas abstrata (BENASSI, 2014, p. 30). O presente artigo foi produzido anteriormente a reformulação da VisoGrafia, portanto, a grafia dos sinais se difere um pouco da forma atual.





concentra na evolução estrutural, fonológica e morfossintática de uma determinada língua. (PEREIRA, 2009).

A diacronia, segundo Saussure (*In.*: BALLY; SECHEHAYE, 2006, p. 109) supõe “um fator dinâmico, pelo qual um efeito é produzido, uma coisa executada. [...] os acontecimentos diacrônicos têm sempre caráter accidental e particular” pois o fator dinâmico que produz efeito não é considerado, pelo autor, como um “caráter imperativo” e “não basta para que se aplique a noção de lei aos fatos evolutivos”.

Consiste da “análise no tempo de elementos concretos (não história); de estruturas que se sucedem” (THIRY-CHERQUE, 2006, p. 143), para perceber, não a língua, segundo Saussure (*In.*: BALLY; SECHEHAYE, 2006, p. 106), “mas uma série de acontecimentos que a modificam”. O autor concorda (pelo menos em parte) que, considerar a origem de algum estado, é sobretudo mais importante, no entanto, “as condições que formaram esse estado nos esclarecem acerca de sua verdadeira natureza e nos livram de certas ilusões”; mas provam “que a diacronia não tem seu fim em si mesma” (SAUSSURE. *In.*: BALLY; SECHEHAYE, 2006, p. 106).

Por outro lado, a sincronia compreende estudos linguísticos de forma estática e descritiva, ou seja, estudos de língua imobilizada num determinado momento. Noutras palavras, é o estudo do funcionamento da língua e sua composição como fonemas, gramática e palavras. É o entendimento da mesma como sistema, composto de estruturas em que os elementos de seu todo se relacionam de forma interdependente (PEREIRA, 2009).

Na sincronia saussuriana, a língua é tida como objeto da linguística. O estudo da língua se dá em si e nas relações existentes entre os elementos linguísticos que compõem determinada estrutura num sistema linguístico, seja no passado ou esteja ele ligado ao hodierno, de forma estática, ou seja, imóvel no tempo. A sincronia está relacionada ao estudo das relações entre fatores socioculturais e evolução linguística (PEREIRA, 2009), em um dado momento.



Poder-se-ia afirmar que a análise sincrônica é a análise de um estado (THIRY-CHERQUE, 2006). Para o autor “o primeiro estruturalismo examina as estruturas em um momento determinado”. Para Câmara Jr., “tôda estrutura pressupõe um sistema, pelo menos implícito e realizável, e pode-se afirmar que ela é a condição prévia e necessária para êle existir” (1967, p. 44).

O objeto do estruturalismo é o conjunto das relações interdependentes de fenômenos determinados. [...] O método consiste em ordená-los numa perspectiva unificante. [...] Está voltado para a identificação de um sistema relacional de elementos, das suas propriedades e do conjunto de estados e transformações possíveis pelos quais estes elementos e relações podem passar (THIRY-CHERQUE, 2006).

Assim sendo, qualquer aprofundamento da concepção de estrutura, determina a apreciação dos dados de sua definição. Compreendemos que a análise de uma propriedade que o autor faz referência, “consiste em examinar as condições que tornam possível à estrutura passar de um estado a outro, mediante a mudança de elementos, sem alterar o sistema estrutural” (THIRY-CHERQUE, 2006, p. 146). Para tornar o exemplo mais didático, vejamos primeiramente o modelo abaixo, na área musical.



Figura 01. Fragmento da música folclórica “Sapo cururu”. De cima para baixo: fragmento 1) em Dó M; fragmento 2) transposto uma segunda maior acima; fragmento 3) transposto uma terça maior acima (Domínio público. Edição: Cao Benassi)

No primeiro fragmento da música folclórica “Sapo cururu” temos a estrutura tonal de Dó maior (CM), a melodia se inicia com o nota sol, que no tom de CM é o quinto grau. A Melodia está ritmicamente organizada, pois concebemos música como sendo sons da acústica organizados no espaço e no tempo. No segundo fragmento, a melodia é transposta para o tom de Ré



maior (DM), ou seja, uma segunda maior acima, ficando mais aguda e no terceiro, a melodia é transposta uma terça maior acima.

Isso quer dizer que, no segundo fragmento a nota em que se inicia a melodia, passa a ser Lá e no terceiro Si, ou seja, os elementos da estrutura apresentada mudam, no entanto, a estrutura melódica, seja na combinação melódica ou rítmica, não é alterada. Para qualquer tom que for transposta a música “Sapo cururu”, seja qual for a mudança que seus elementos (notas) sofrerem, se mantida sua estrutura melódica e rítmica, será possível sua percepção e reconhecimento.

Trazendo para língua, poder-se-ia afirmar que ao falante se dada uma determinada estrutura e o mesmo internalizá-la dentro de um determinado sistema linguístico, o resultado será o de equidade no uso. Em outras palavras, independente da localização ou do nível de erudição do falante, o sentido estando posto nas relações que os elementos possuem numa determinada estrutura linguística, o resultado linguístico será sempre o ideal, sem que haja variações no uso do sistema.

3. ANÁLISE DIACRÔNICA DA LIBRAS: O *CONTINUUM* HISTÓRICO DE SUA CONSTITUIÇÃO

A Libras tem em sua constituição, basicamente, todos os aspectos constitutivos das demais línguas. Como dissemos anteriormente, a Libras foi reconhecida como língua por meio da Lei nº. 10.436/02 e rapidamente se tornou alvo de pesquisa, debates e políticas públicas. No entanto, para entender a sua compleição, é preciso constitui-la diacronicamente a sua “linha do tempo”, ou seja, rememorar-la e saborear as transformações pelas quais ela passou ao longo do tempo, desde a chegada de Huet, até os nossos dias.

Com a chegada de Huet ao Brasil, foi iniciado o ensino de Língua Francesa de Sinais (LSF), língua que tem ampla motivação da Língua Francesa (LF) em sua constituição. Com isso, a LSF se mescla as



Linguagens Gestuais Tupiniquins (LGT), dando origem ao que hoje conhecemos como Libras. Muitos sinais da LSF foram por nós “emprestados”. Esses empréstimos se deram de forma direta e indireta, ou seja, os sinais da LSF que tem motivação na LF são considerados por nós, como sendo empréstimos indiretos da LF. Já os sinais emprestados do núcleo lexical nativo da LSF, são considerados por nós como sendo empréstimos diretos. São exemplos desses os sinais “TRABALHAR” e “LÍNGUA DE SINAIS/LIBRAS”, conforme o quadro a seguir:

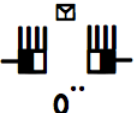
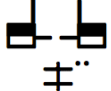
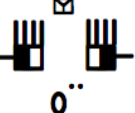
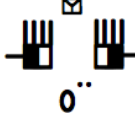
PORTUGUÊS	LIBRAS -	LF - LSF
		
TRABALHAR		LABOUR (LF)
LÍNGUA DE SINAIS - LIBRAS		 (LSF)

Tabela 01. Quadro dos empréstimos linguísticos da LS e da LSF. Fonte: Claudio Alves Benassi.

Temos segundo Duarte (2011, 2013), empréstimos linguísticos na Libras advindos da Língua Americana de Sinais (ASL). Essa por sua vez, tem muitos sinais cuja criação teve influência da Língua Inglesa (LI), tais como, os mostrados no quadro abaixo:

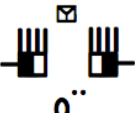
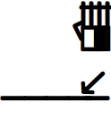
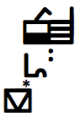
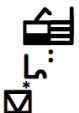
PORTUGUÊS	LIBRAS -	LI - ASL
		
MAL		BAD (LI)
ÁRVORE		 (ASL)

Tabela 02. Quadro dos empréstimos linguísticos da LI e da LSF. Fonte: Claudio Alves Benassi.



O núcleo lexical nativo da Libras é constituído por sinais que compreende os classificadores e outros sinais, cuja configuração de mão não tem relação com aquelas usadas para representar o alfabeto da língua oral. Esses são considerados empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa (LP). Abaixo temos um quadro com exemplos desses empréstimos.

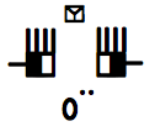



PORTUGUÊS	LIBRAS -	MOTIVAÇÃO
NUNCA		Datilologia. Soletração manual linear e representação direta da palavra nunca.
RESTAURANTE		Configuração manual em R. Mão toca os cantos da boca representando o ato de comer.
ADVOGADO		Configuração manual em D. Mão posicionada ao lado da boca, se movimenta em círculos para baixo, representando o ato de falar muito.
DINAURA (Sinal nominal)		Configuração manual em R. Mão na lateral da cabeça se movimenta em círculos para baixo, representando as madeixas cacheadas.

Tabela 03. Quadro dos empréstimos linguísticos da LP. Fonte: Claudio Alves Benassi.

A Libras possui uma estreita relação com a Língua Latim (LL). O fato que as relacionam está em ambas as línguas não se utilizarem de artigos em suas estruturas gramaticais. Outra característica que as aproxima, é o fato de que nas mesmas, algumas preposições não são utilizadas. Há ainda outro ponto em comum. Nem no Latim, tampouco na Libras, se utilizam os verbos de ligação (DUARTE, 2011, 2013). Veja no quadro abaixo, as frases “O menino é estudioso” e “A menina canta”.




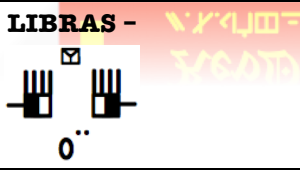
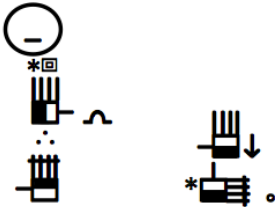
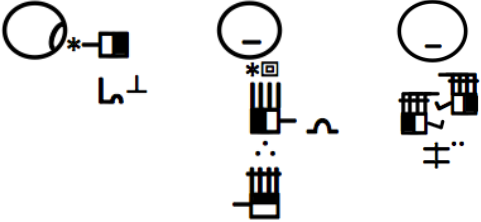
	
<p><i>PUELUS SEDULUS.</i></p>	
<p><i>PUELA CANTATA.</i></p>	

Tabela O4. Quadro comparativo da relação entre as línguas Latim e Libras. Fonte: Duarte (2011; 2013). Quadro elaborado por Claudio Alves Benassi.

Ainda, poderíamos neste tipo de análise, estabelecer, cronologicamente, a modificação do léxico da Libras quanto ao uso de determinados sinais, como por exemplo, os da preposição PARA que era utilizado no sistema de Comunicação Total (CT) que compreendia o uso da Língua Oral (LO) e da Língua de Sinais (LS), simultaneamente e o sinal MULHER⁽¹⁾ usado no Brasil em virtude do penteado da moda, que na época ficou conhecido como “pega rapaz” que caiu em desuso (Ver figura O2).

Quanto a origem do sinal, podemos estabelecer a seguinte relação: no Brasil usamos atualmente para designar o indivíduo humano do sexo feminino, um sinal com configuração manual em A⁶, locado na face (bochecha), com movimento para frente, com leve giro do punho⁷. Esse sinal foi motivado pelo sinal francês de mesma correspondência (*FEMME*), que tem configuração em B, locação, mesma locação que o sinal usado no Brasil, e em muitos casos, o movimento é bastante similar.

Isso nos leva a considerar que com o deslocamento do sinal *FEMME* do seu lócus de origem e, provavelmente, sob a influência das variações

⁶ No alfabeto manual francês.

⁷ Devido a grande variação linguística existente na Libras, o movimento desse sinal pode variar de visossinalizante (falante) para visossinalizante (falante).



linguísticas no decorrer do tempo, o sinal perdeu a configuração de mão original, no entanto, manteve a locação e movimento igual e/ou similar, pois ambos os sinais (em LSF e em Libras) tem a mesma motivação no corte de cabelo Chanel que nos remete a década de 1920. Observe no quadro a seguir.

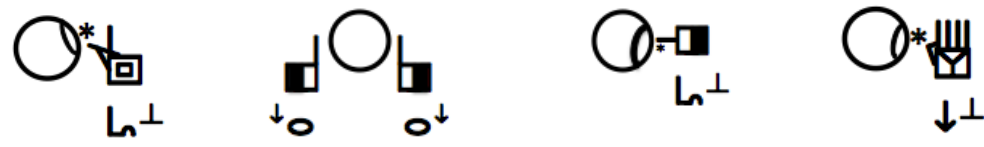


Figura 02. Da esquerda para a direita: sinal PARA em desuso para a preposição; sinal MULHER⁽¹⁾ em desuso; sinal MULHER⁽²⁾ usado no Brasil; sinal FEMME^(MULHER [3]) usado na França. Fonte: Claudio Alves Benassi.

4. ANÁLISE SINCRÔNICA DA LIBRAS: A LÍNGUA VISSINALIZADA TUPINIQUIM HOJE

Sincronicamente, a análise como já enfatizado anteriormente, é de um estado de língua em um determinado momento, ou seja, o linguista se preocupa com um determinado aspecto, estrutura, com a relação de determinados elementos linguísticos em um dado momento. Isso quer dizer, que a análise se dá de forma estática, como veremos a seguir com a frase da Libras “Eu vou para a minha casa”, norteadada pelos estudos realizados no contemporâneo.



Figura 03. Frase em Libras “EU VOU PARA A MINHA CASA”. Fonte: Claudio Alves Benassi

Na oração acima, morfologicamente temos os seguintes elementos:



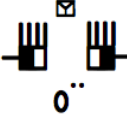
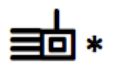

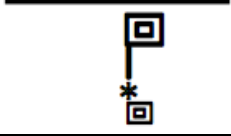
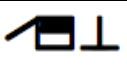
PORTUGUÊS	LIBRAS - 	CLASSE GRAMATICAL
MEU/MINHA		PRONOME POSSESSIVO
CASA		SUBSTANTIVO SIMPLES SUBSTANTIVO CONCRETO
EU		PRONOME PESSOAL DO CASO RETO (Incorporado ao verbo)
IR		VERBO ESPACIAL COM FLEXÃO DE PESSOA

Tabela 05. Quadro da análise morfológica da oração “Eu vou para minha casa”. Fonte: Claudio Alves Benassi.

Sintaticamente, as funções dos elementos da oração são os seguintes:

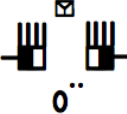
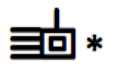

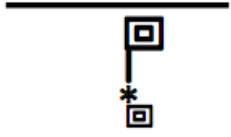
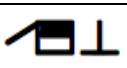
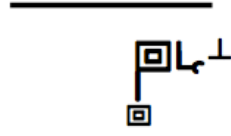
PORTUGUÊS	LIBRAS - 	FUNÇÃO GRAMATICAL
MEU/MINHA		ADJUNTO ADNOMINAL
CASA		AFIXO LOCATIVO E ADJUNTO ADVERBIAL DE LUGAR
EU		SUJEITO (Incorporado ao verbo por meio do movimento fonológico)
IR		VERBO INTRANSITO FLEXIONADO
EU VOU		INCORPORAÇÃO VERBO- PRONOMINAL (Resultante da incorporação morfosintática do pronome EU com o verbo IR)

Tabela 06. Quadro da análise sintática da oração “Eu vou para minha casa”. Fonte: Claudio Alves Benassi.

Essas análises são necessárias para que se delinieie que tipos de elementos linguísticos existem na oração (estrutura) apresentada e, ainda,



as funções que cada um desempenha na mesma. No entanto, para entender sua significação, ou seja, o sentido estrutural da mesma, é necessário a análise das relações dos elementos de compõem essa estrutura. Segundo Câmara Júnior (1967, p. 43) [...] “o estruturalista procura integrar os fatos num feixe de relações que ponham em evidência a sua inequivocidade dentro de uma super-ordenação e de uma subordinação”.

Assim sendo, temos as seguintes relações entre os elementos linguísticos da oração apresentada: o pronome **MEU/MINHA** que funciona como adjunto adnominal na oração, acompanha e caracteriza o substantivo, assim estabelece uma relação de pertencimento entre o objeto e o emissor; o substantivo simples e concreto **CASA** que é o afixo locativo e adjunto adverbial de lugar, constitui a topicalização sobre a qual recai a ação verbal.

Continuando nossa análise, o pronome pessoal do caso reto **EU**, posto em relação na estrutura apresentada, adquire função de sujeito e agente que se desloca fisicamente de um ponto a outro e é incorporado ao verbo por meio do movimento; o verbo espacial **IR** que indica ação de deslocamento determinante do sujeito e que recai sobre o afixo locativo. Por último, temos então a incorporação verbo-pronominal **EU VOU**, que expressa a informação de um sujeito (primeira pessoa do singular no discurso) em ação de deslocamento físico.

Não é possível pensar essas relações sem que os elementos linguísticos dessa cadeia estrutural, sejam dependentes entre si. Na oração apresentada, só é possível conceber o sujeito se ele estiver incorporado ao verbo, pois é uma característica do verbo espacial direcionado. Sinalizar o sujeito desincorporando-o do verbo constitui um erro gramatical, portanto, não estabelece relação entre esses elementos linguísticos. Outra relação de interdependência marcada na oração apresentada é estabelecida entre o afixo locativo e o verbo intransitivo. Na sintaxe visual (tanto na LS quanto nas artes visuais) só é possível visualmente constituir deslocamento no espaço, concebendo anaforicamente o local, ou seja, caracterizando o topos antes da ação. Pois para Câmara Júnior,



Fatos, para o estruturalismo, são sempre partes de um todo e só como tal, e em referência ao todo, podem ser apreciados. O princípio essencial é de que não há para o nosso conhecimento coisas isoladas. Há sempre uma estrutura, isto é, uma inter-relação de coisas, que dela tiram o seu sentido. (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 44).

Assim sendo, precisamos conceber a advérbio de lugar antes do verbo topicalizado, pois é sobre ele que recai a ação do verbo. Sinalizar o local sobre o qual recai a ação do verbo topicalizado antes, se constitui em uma infração a regra que rege a relação de dependência entre esses dois tipos de elementos linguísticos da Libras, portanto, não sendo admitido nesse sistema linguístico como sendo possível.

5. EIXO SINTAGMÁTICO E O EIXO ASSOCIATIVO

5.1 Eixo sintagmático

Para Saussure a estrutura é relação, assim sendo, podemos afirmar que tudo num estado de língua, se baseia em relações. Para o autor, as diferenças entre os termos linguísticos, se desenvolvem em duas esferas distintas. “Essas esferas são descritas por Saussure como geradoras de ordem de valores. A oposição existente entre as mesmas, nos faz entender melhor o caráter de cada uma”. A natureza dessas ordens de valores, correspondem as duas formas da atividade mental (sintagmática e paradigmática), que são imprescindíveis para a existência da língua (SAUSSURE, *In.*: BALLY; SECHEHAYE, 2006, p. 142).

Segundo Saussure, o estabelecimento dos termos linguísticos no discurso entre si, “em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, [...] se alinham um após o outro na cadeia da fala”. Tais combinações, se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*” (SAUSSURE, *In.*: BALLY; SECHEHAYE, 2006, p. 142). O sintagma para o autor se constitui de duas ou mais unidades que se sucedem consecutivamente.



A estrutura sintagmática, pode ser concebida tanto no plano fonológico quanto no morfossemântico. Numa estrutura sintagmática, há relações solidárias de dois ou mais termos, “de tal sorte que um não pode existir sem o outro. É uma entidade relacional, que só pode ser considerada simultaneamente em seu todo e em suas parte” (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 55). De acordo com a citação, podemos conceber as seguintes relações sintagmáticas na Libras:

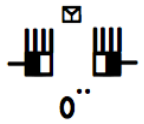



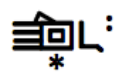
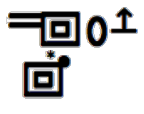

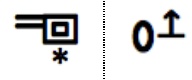
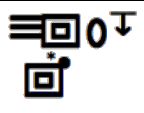


SINAL		RADICAL	ENCADEAMENTO SINTAGMÁTICO	
Português	Libras -		SINTAGMA PRIMITIVO	SINTAGMA SUCESSOR
ANO		<ul style="list-style-type: none"> • Configuração manual em “S” ▣ Orientação da palma para trás 		Não há
4 ANOS		<ul style="list-style-type: none"> • Configuração manual em “S” ▣ Orientação da palma para trás 		
DAQUI A DOIS ANOS		<ul style="list-style-type: none"> • Configuração manual em “S” ▣ Orientação da palma para trás 		
A TRÊS ANOS ATRÁS		<ul style="list-style-type: none"> • Configuração manual em “S” ▣ Orientação da palma para trás 		

Tabela 07. Quadro demonstrativo da relação sintagmática na Libras. Fonte: Claudio Alves Benassi.

Nos sinais apresentados acima, consideramos como sinal ou sintagma primitivo ANO. Nele, os visemas (elementos fonológicos que correspondem ao fonema) configuração de mão, locação e orientação de palma permanece inalterado em todas as flexões apresentadas. Já nos sintagmas flexionados, somam-se os sintagmas fonológicos numeral e também, os movimentos.



5.2 Eixo associativo ou paradigmático

O sistema associativo de Saussure se desenvolve “paralelamente ao sistema sintagmático e em desafio à supremacia da linearidade em linguagem” (CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 58). Para Jakobson “o paradigma dos casos é um ‘sistema de correlações vigentes numa língua dada’” (*apud* CÂMARA JÚNIOR, 1967, p. 58).

Os grupos formados por associação mental não se limitam a aproximar os termos que apresentam algo comum; o espírito capta também a natureza das relações que os unem em cada caso e cria com isso tantas séries associativas quantas relações diversas existam. (SAUSSURE. *In.*: BALLY; SECHEHAYE, 2006, p. 145).

Isso implica dizer que num dado eixo sintagmático morfossemântico, devido ao encadeamento linear e consecutividade das relações interdependentes de seus elementos, desencadeia uma segunda atividade mental, designada por Saussure como associativa e melhor definida por Jakobson como paradigmática. Noutras palavras, a atividade sintagmática leva ao desencadeamento de associações, ou seja, relações à paradigmas como no exemplo a seguir.

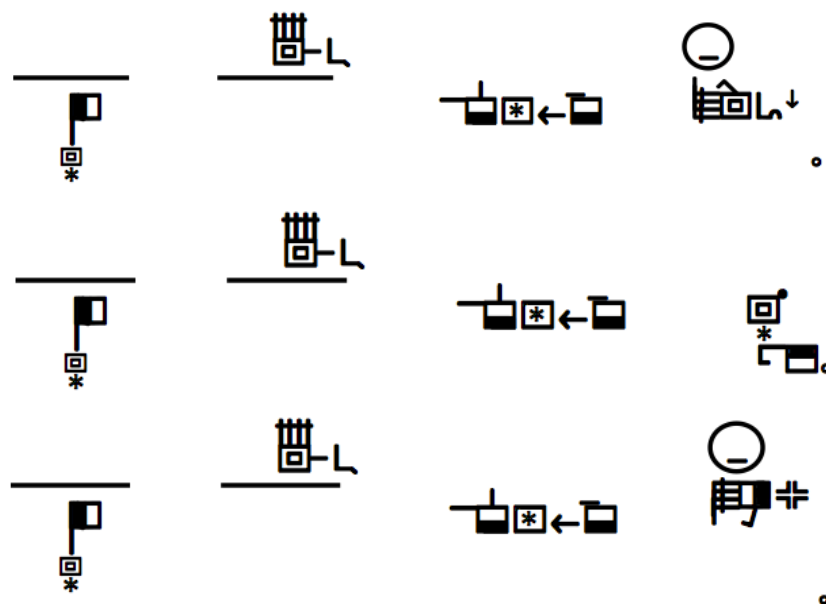


Figura 04. Frases em Libras que exemplificam o eixo associativo. De cima para baixo: frase 1) EU COMPREI MAÇÃ.; frase 2) EU COMPREI CAJU.; frase 3) EU COMPREI LARANJA.
Fonte: Claudio Alves Benassi.



Nas sequências sintagmáticas morfossintáticas acima, é possível por meio do campo associativo, produzir o sentido de agrupamento dos sintagmas fonológicos MAÇÃ, CAJU e LARANJA a um grupo de sinais em particular, o das frutas. Essa associação é paradigmática e não está explícita no encadeamento sintagmático expresso, no entanto, por meio do conhecimento e das experiências pelas quais passamos, esse sentido associativo pode ser despertado.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir este trabalho, para nós foi duplamente desafiador. De um lado, por sermos bakhtinianos; nos aventuramos pelos meandros do estruturalismo; e tomar a Libras para efeito de análise. Isso porque, no estruturalismo o sentido se prende a meras relações entre os elementos linguísticos das mas variadas formas, alijando as relações linguísticas de qualquer relação discursiva, ou seja, fatos extralinguísticos.

Por outro lado, para Bakhtin o sentido não despreza a relação linguística, ele extrapola e/ou vai além do linguístico e a isto se prende toda uma relação dialógica de conceitos envolvidos por uma arquitetônica, através do encontro do querer dizer na produção do discurso, com a apreciação valorativa do meu *outro*, onde mora o sentido.

Apesar dos avanços nos estudos linguísticos da Libras, o entendimento da mesma por meio de um sistema estruturado e categorizado gramaticalmente, não é aceito. Admitimos que os elementos linguísticos por serem comuns as demais línguas, também podem ser lidos na LS, desde que se observe as características modais dessas.

Esse estudo, ainda que preliminar, contribuiu para constituir o nosso entendimento inicial da teoria estruturalista. Acreditamos que as categorias nele expostas se não correspondem aos elementos linguísticos da Libras, podem ser tomados por analogia.



Esse estudo, como dito anteriormente, é preliminar e não está pronto e acabado. O ponto final que ora nele colocamos apenas encerra essas páginas. Esperamos que novos olhares sejam lançados sobre essa temática e também, que esses possam gerar desdobramentos que sejam como chuva para esse campo fértil, que é a Libras.



REFERÊNCIAS

BARROS, M. E. Apresentação. In.: BENASSI, C. A.; DUARTE, A. S. **Além dos sentidos: glossário de termos e conceitos da área musical em Libras**. Cuiabá: Claudio Alves Benassi, 2015.

BENASSI, C. A. Configuração manual e alfabeto manual de Machado e Benassi 2014: a primeira monografia de pós-graduação *latu senso* do Brasil em ELiS. **Revista Diálogos**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2875>. Consulta em 22 de abr. 2016.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº. 10.436** de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Consulta em 25 de mar. 2013.

CÂMARA JÚNIOR, J. M. O estruturalismo. 1967.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Língua brasileira de sinais**. Indaiatã: UNIASSELVI, 2011.

DUARTE, Anderson Simão. **Ensino de Libras para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático**. Dissertação. Mestrado em Estudos de Linguagens. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2011.

DUARTE, Anderson Simão. Empréstimos linguísticos da língua brasileira de sinais (LSB). **Revista Diálogos**, Cuiabá, V.1 N. I, jun./dez. 2013. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/2687>. Acesso em: 16 Jun. 2016.

MIRANDA, João Paulo Vitório. **Voz passiva na Libras? Ou outras possibilidades de topicalização?** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade de Brasília (UnB). Brasília: UnB, 2014.

PEREIRA, Mariana Vera Cruz Pereira. **Estruturalismo: definição e origem**. Disponível em <http://teorialiterariaufrj.blogspot.com.br/2009/06/estruturalismo-definicao-e-origem.html>. Consulta em 07 de jun. 2016.

QUADROS, Ronice Müller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artemed, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Org.: Charles Bally; Albert Sechehaye; Col.: Albert Rielinger. São Paulo: Cultrix, 2006.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. **O primeiro estruturalismo: método de pesquisa para as Ciências da Gestão**. **RAC**, v. 10, nº. 2, Abr./Jun. 2006.

